

A FORGES E A NOVA RACIONALIDADE EDUCATIVA: ALGUMAS NÓTULAS

Paulino Lima Fortes¹

1. A FORGES, Associação Fórum da Gestão das Instituições de Ensino Superior dos Países e Regiões de Língua Portuguesa, nasceu da identificação de, essencialmente, duas grandes lacunas existentes no conjunto dos sistemas de ensino superior dos Países e Regiões de Língua Portuguesa (PRLP), quando encarados como o lugar onde milhões de estudantes, milhares de investigadores e professores, e centenas de Instituições de Ensino Superior (IES) criam, recriam e comunicam ciência, usando como veículo a língua portuguesa. Assim, de forma complementar em relação a outras associações afins², a FORGES colocou o foco em três vertentes complementares, comportando cada uma delas uma diversidade de aspetos:

- A gestão das IES: organização, planeamento, modelos de gestão, mobilidade, internacionalização, financiamento e qualidade;

- As políticas de ensino superior: inclusão, promoção, regulação, financiamento, avaliação;

- O investigador individual, professor ou técnico não docente, dirigente ou não dirigente, mas em todo o caso gestor da ação educativa.

Essa focalização abrangente permitiu à associação construir uma rede fina de pessoas com interesses comuns, para a partilha de conhecimentos e de meios, sem excluir, antes valorizando, a inclusão das próprias IES.

As questões ligadas ao desenvolvimento humano foram sempre e de forma natural o pano de fundo da missão da FORGES, tendo-se dedicado a essa temática o nono encontro anual da associação, realizada em Brasília³.

2. À assertividade na escolha do foco da FORGES, aliaram-se duas estratégias nitidamente ganhadoras: a realização de um encontro anual, rotativamente, sempre que possível, nos PRLP, e o envolvimento de entidades políticas, nacionais e locais, com responsabilidade no desenvolvimento dos sistemas nacionais e regionais de ensino superior. Essas estratégias permitem ao fórum, por um lado, o acompanhamento constante da atividade educativa ao nível do ensino superior nos PRLP; por outro lado, trazer as entidades decisoras para os encontros de divulgação e discussão de resultados, bem como proporcionar um diálogo virtuoso entre os delineadores de políticas e os produtores de conhecimento, com o envolvimento dos próprios educadores. Esse diálogo que acontece anualmente, realiza-se aos níveis institucional, regional, nacional e internacional, originando

¹ Universidade de Cabo Verde. Presidente da Direção da Associação FORGES (2018-2020) paulino.fortes@docente.unicv.edu.cv

² Como a Associação de Universidades de Língua Portuguesa, AULP, fundada na cidade da Praia, Cabo Verde, no dia 26 de novembro de 1986.

³ O ensino Superior e a promoção do desenvolvimento Humano, contextos e experiências nos Países e Regiões de Língua Portuguesa.

assim, compromissos e decisões com maior impacto no desenvolvimento dos nossos sistemas educativos e, por isso, com maior qualidade.

3. O público alvo da FORGES, os PRLP, constituem uma vasta comunidade de países e povos espalhados pelos 5 continentes. Compreendem cerca de 273 milhões de falantes da mesma língua, sendo que os mais de 500 milhões de falantes do castelhano no mundo podem-se considerar como tendo língua e culturas afins. Muitos desses países e regiões têm IES recentes, com sistemas de administração e gestão por instalar ou por consolidar. Seis desses países (Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique, São-Tomé e Príncipe, Timor Leste) têm menos de 50 anos de existência como países livres e autónomos. Por essa razão, esses países possuem sistemas económicos, políticos e educativos em vias de consolidação. A taxa bruta média de escolarização superior nos PRLP é inferior a 20%. O número de IES oscila em torno de 2750.

4. A relevância da FORGES para a investigação em educação advém dos seus objetivos, plasmados nos estatutos da associação e realizados ao longo dos 10 anos da sua existência:
 - Estimular a produção científica nas áreas de política e gestão do ensino superior;
 - Promover a comunicação científica, o intercâmbio e a mobilidade entre investigadores e entre IES;
 - Estimular a partilha de modelos de sistemas e subsistemas de ensino superior, instrumentos de gestão e práticas e reflexões;
 - Promover a formação, as visitas de estudo;
 - Promover a produção e comunicação da ciência em português.

5. O sucesso da FORGES, bastante patente nos encontros anuais realizados, nas publicações e nas visitas técnicas de estudo, mostra que as estratégias de organização e funcionamento aplicadas foram muito acertadas. Elas foram estribadas em:
 - Comunicação constante e fluída entre os membros titulares dos cargos de direção ou de responsabilidade em tarefas e todos os associados;
 - Gestão participada e responsabilidades distribuídas;
 - Programação escrupulosa das ações e com a devida antecipação;
 - Estrito cumprimento dos estatutos e regulamentos;
 - Rigor e transparência na gestão financeira e prestação de contas;
 - Equilíbrio na representação dos países e regiões na compositura dos órgãos e afetação de ações e tarefas.

É também significativo o facto de vários membros da FORGES terem sido chamados a desempenhar funções integrando governos dos PRLP, altos postos de direcção em administrações centrais e regionais e cargos de topo em várias IES.

6. Mais que uma associação, a FORGES é uma rede científica pertinente e relevante, que em boa hora apareceu. Foi criada há 10 anos, no início da segunda década de um século em que o desenvolvimento tecnológico se mostrou notável quando comparado com o século anterior. Está em curso uma revolução industrial com base em tecnologias como inteligência artificial, redes neuronais e aprendizagem de máquina, análise de *big data*. Essa revolução trouxe também a descoberta e aproveitamento de novos materiais para a indústria, o avanço na medicina e na farmacologia, com a descoberta de novas substâncias e novos métodos baseados na computação e na utilização dos meios de comunicação nas consultas e meios complementares de diagnóstico. Trouxe ainda a agricultura assistida computacionalmente, o comércio eletrónico e a globalização das organizações.

O conhecimento do cosmos nunca foi tão vasto e nem tão profundo: desde o microcosmos, com a descoberta de novas partículas e de novas propriedades de outras conhecidas – o que permite, por exemplo, a sua utilização nas tecnologias de produção e armazenamento da energia – ao macrocosmos, com a exploração dos planetas do nosso sistema solar, ou com a observação de buracos negros muito distantes, ou com a deteção das ondas gravitacionais.

Estão em preparação duas outras grandes revoluções, decorrentes daquela que está em curso – numa espécie de escalada exponencial do conhecimento e da tecnologia – a saber, a computação quântica, que elevará o poder computacional das máquinas a níveis inimagináveis e a consciência artificial que anulará a diferença entre o Homem e a máquina.

Nesta altura, a educação deve, rapidamente, voltar às origens, ao seu fim último, que é o desenvolvimento humano. À reflexão sobre como as revoluções tecnológicas, a presente e as futuras, poderão contribuir para a inclusão das pessoas, os combates contra a fome, desertificação e mudanças climáticas, o crescimento dos espaços urbanos, as migrações, o acesso à água, a energia, a saúde ao longo da vida, a segurança social, o conhecimento, a comunicação e lazer. É necessário que essa reflexão tome ou retome a centralidade nas políticas e na ação educativa, numa convergência *multi* e transdisciplinar. Desde os problemas gerais aos específicos, a educação, no seu todo, desde o ensino básico ao superior, tem de ter como horizonte a promoção do ser humano, na sua humanidade, em estreita e harmoniosa relação com a natureza e com as outras espécies, animais e vegetais. Eis o recentramento necessário dos sistemas educativos. A importância desse recentramento é evidente pois, a educação é o lugar onde tudo se pode ganhar ou tudo se pode perder no caminho para o desenvolvimento humano.

7. Mas, apesar de, a nível planetário, o número IES ter vindo a crescer constantemente, o número de profissionais da ciência estar a aumentar dia após dia, o número de publicações resultados científicos estar em crescimento

exponencial, paradoxalmente, nunca tanto se precisou da ciência, da praxis científica, do pensamento científico, de educação científica e de uma forma racional de viver, como nos dias de hoje. Com efeito, temos assistido, enquanto profissionais da educação e *professores* da ciência, as manifestações crescentes de desinteligência, sob diversas roupagens que, numa forma generalizada, têm vindo a desferir ataques sistemáticos, de violência inaudita, ao património cognitivo, científico-tecnológico e cultural humano, acumulado em milénios de evolução. Esses ataques estendem-se à sociedade e às suas células organizativas básicas, às nações, aos indivíduos e à natureza, nos seus níveis local e global, através da repetição de fórmulas de ignorância que se pensava já terem sido banidas da caminhada humana.

Vivemos nesta última década uma crise geral de inteligência, de racionalidade e de ciência. Essa crise tem levado, em várias partes do globo e nos nossos PRLP, ao empoderamento de líderes confessadamente avessos à ciência, à racionalidade científica, enquanto único modo de vida capaz de assegurar um devir de paz e progresso para a Humanidade, no seu habitat, o planeta Terra. A importância da FORGES e a gravidade da sua missão agiganta-se pois esta coloca-se no quadro do dever de resistência científica à irracionalidade que se quer instalar.

8. A pandemia de SARS-II provocada pelo covid-19 veio a demonstrar o nível de penetração da irracionalidade na população humana, quer ao nível individual, quer ao nível das instituições, quer ainda ao nível das nações e blocos regionais. Com efeito, o *homo sapiens* está sendo derrotado por um ser que, nem é vivo nem é inteligente. Este, apenas aproveita-se da irracionalidade dominante. O vírus covid-19 não tem pernas, não se desloca com os ventos, como acontece com o vírus da gripe, por exemplo. Contudo, está presente em praticamente todos os pontos da Terra, porque o *homo sapiens* o portou, o reproduziu, o transportou e o transmitiu. Os seus mecanismos patológicos não são bem conhecidos, apesar de pertencer a uma família já há muito conhecida, mas não suficientemente estudada para se prever suas possíveis mutações, patologia, epidemiologia, vacinas, medicamentos, etc. Fomos apanhados completamente desprevenidos. É uma pandemia, como outras no passado do nosso planeta, mas encontrou-nos sem os conhecimentos suficientes para lidar com pandemias, quer ao nível das terapias, quer ao nível dos modelos matemáticos de evolução, quer ao nível dos parâmetros de que depende essa evolução, a saber, a taxa de reprodução, o tempo de incubação, o período ativo de contágio, a produção de anticorpos, o cruzamento com modelos de movimento de populações e contacto social de proximidade física, etc. Os nossos hábitos pessoais e sociais, mas sobretudo a nossa (des)inteligência social, são os principais parceiros desse destruidor inerte, cuja única diferença em relação a um veneno químico é o facto de se reproduzir nos organismos vivos que o portam.
9. Muito impactada, a nossa civilização vai ter de encontrar novos rumos para o desenvolvimento e a paz. A centralidade da cidadania ficou evidenciada. Um grande investimento na educação, formação e treinamento de cidadãos será a

preocupação das famílias, instituições educativas e sociedade em geral. Ficou claro que o esvaziamento de cidadãos de que padecem as nossas repúblicas deixa espaços de empoderamento de não-cidadãos que, obviamente, sendo seres desprovidos de inteligência social, traçam estratégias de assalto ao poder, e as executam com minuciosa precisão.

A educação cidadã estriba-se em grande parte, na educação para a inteligência, para a amizade, solidariedade e para o futuro da humanidade. Porque, apesar de as fronteiras estarem abertas entre países e no interior de blocos como a união europeia, por exemplo, as despesas de saúde pública estão a cargo de cada país, durante uma pandemia, a primeira resposta natural é o fecho das fronteiras. Ora, tal não pode voltar a acontecer. Pelo contrário, a globalização, que é inevitável, não pode ser atrasada por pandemias. Assim, tem de se encontrar mecanismos previsionais para precaver a possibilidade do aparecimento de surtos de doenças contagiosas que possam ameaçar a saúde pública mundial.

A escola vai mudar radicalmente (porque mais vírus virão, e piores que este). As novas profissões vão mostrar com maior precisão o que deverá ser a formação profissional, e esta far-se-á sobretudo com base informática. A parte presencial vai ser muito reduzida, substituída por duas formas de contacto a distância: a videoconferência e a realidade virtual⁴. As tarefas de aprendizagem e avaliação do rendimento escolar serão acompanhadas por professores e programas informáticos. O acesso ao conhecimento profissionalizante e outro será feito via grandes tutores como Google, Youtube e outros. A formação cívica será feita, em parte a distância, com base na discussão de grandes temas como a generosidade o altruísmo e o amor, por exemplo – temas gregários da sociedade.

10. Não se pode tomar como corolário da pandemia o retrocesso nas grandes conquistas humanas e civilizacionais alcançadas pela humanidade como, em primeiro lugar, a globalização, facilitada pelos meios de informação e comunicação e meios de transporte mais rápidos, mais eficientes e mais baratos⁵, os blocos de países e a queda de fronteiras, as facilitações de vistos entre países, as uniões económicas e políticas, as organizações transnacionais, a começar pelas Nações Unidas e suas sub organizações, as organizações científicas e sociais internacionais, a mobilidade académica e as migrações. Ao nível das sociedades e comunidades, a afetividade, o contacto social, o convívio social. A missão da FORGES, enquanto rede, e enquanto rede de afetos, é também contribuir para a restauração das grandes conquistas da humanidade acima referidas.

⁴ Nesta forma os estudantes e o professor entram num ambiente virtual, escolhem um avatar e podem através dele interagir com o professor e com os colegas, no ambiente virtual que for escolhido para a aula: a sala, um laboratório, um museu, um espaço natural. As interações bilaterais e multilaterais são feitas de forma síncrona e será em tudo parecido com uma aula, inclusivamente com expressões corporais, acrescentando-se a vantagem de uma aula sobre a cidade de Maputo, por exemplo, poder ser dada imergindo-se na cidade e percorrendo-a virtualmente.

⁵ Nesse quesito, o que devemos questionar, por razões de sustentabilidade da natureza, é apenas e tão só a utilização dos combustíveis fósseis para se atingir o nível de comunicação, via aérea, sobretudo. A utilização de comboios de alta velocidade, elétricos pode vir a substituir, em grande parte, os aviões, entre países e regiões com ligação continental.